

**A VARIAÇÃO NA REGÊNCIA DO VERBO *IR*
(DE MOVIMENTO) EM SALVADOR**

Marli Pereira Batista (UNEB)

marlibatista@gmail.com

Norma da Silva Lopes (UNEB)

nlopes58@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta resultados preliminares de uma dissertação de mestrado ainda em andamento. Toma como objeto de estudo a variação na escolha das preposições que regem o verbo *ir* (de movimento) na fala popular de Salvador. A tradição gramatical identifica duas possibilidades de regência do verbo *ir*, a preposição *a* ou *para*. Em Salvador, nota-se que este verbo também frequentemente é utilizado com a preposição *em*, variante não padrão. Diante do pequeno número de ocorrências com a utilização da preposição *A*, esses dados foram retirados do estudo apresentado neste texto. Parte-se do seguinte questionamento: quais são os condicionamentos da escolha da variante *para* na regência do verbo *ir* (de movimento)? Assim, tem-se como objetivo analisar a regência do verbo *ir* (de movimento), identificando condicionamentos sociais para a escolha da preposição *para*, em detrimento da preposição *em*. Com o suporte teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, de William Labov ([1972] 2008), são levantados dados de dezesseis das quarenta e oito entrevistas que compõem o Programa de Estudos sobre o Português Falado de Salvador (PEPP), com falantes de escolaridade Fundamental e Média, gravadas entre 1999 e 2000. Utiliza-se o programa de análise estatística da variação linguística GoldVarb X, para definir a frequência e os pesos relativos que possibilitam uma análise apurada dos condicionamentos. Dentre as variáveis sociais controladas, apenas a escolaridade foi selecionada, revelando que a preposição *para* está associada aos falantes mais escolarizados e que a preposição *em* parece ser combatida pela escola.

Palavras-chave:

Sociolinguística. Variação. Regência do verbo *ir* (de movimento).

ABSTRACT

This article presents preliminary results, from a dissertation still in progress. The object of study is the variation in the choice of prepositions governed by the verb *ir* (of movement) in the popular speech of Salvador. The grammatical tradition identifies two possibilities of governing the verb *ir*, the preposition *a* or *para*. In Salvador, it is noted that this verb is also frequently used with the preposition *em*, a non-standard variant. Given the small number of occurrences using the preposition *A*, these data were taken from the study presented in this text. It starts from the following question: what are the conditions for choosing the *para* variant in the regency of the verb *ir* (of movement)? Thus, the objective is to analyze the rulership of the verb *ir* (of movement), identifying social conditions for choosing the preposition *para*, to the detriment of the preposition *em*. With the theoretical-methodological support of Variationist Sociolinguistics, by William Labov ([1972] 2008), data are collected from sixteen of the

forty-eight interviews that comprise the Study Program on Spoken Portuguese in Salvador (PEPP), recorded between 1999 and 2000 with schooling speakers Elementary and High School. The program of statistical analysis of linguistic variation (GoldVarb X) is used to define the frequency and the relative weights that enable an accurate analysis of the conditions. Among the controlled social variables, only schooling was selected, revealing that the preposition *para* is associated with more educated speakers and that the preposition *em* seems to be combated by the school.

Keywords:

Sociolinguistics. Variation. Regency of the verb IR (of movement).

1. Introdução

A tradição gramatical traz o verbo *ir* (de movimento) regendo duas preposições: *a* e *para*, que são consideradas padrão, embora, tanto na fala quanto na escrita, observamos a regência deste verbo com a preposição *em*, que é estigmatizada por ser considerada não padrão.

Neste texto, analisam-se os condicionamentos sociais que favorecem os usos de cada uma dessas preposições em Salvador, buscando-se respostas que identifiquem em que situações a preposição estigmatizada em está sendo mais utilizada. Utiliza-se como *corpus* 16 inquéritos do Programa de Estudos sobre o Português Falado de Salvador (PEPP), gravados entre 1999 e 2000. Analisa-se a interferência do nível de escolaridade, do sexo e da idade dos informantes na escolha das preposições *para/em*.

Utiliza-se o suporte teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista/Quantitativa, que é uma área dentro da Linguística que trata das relações entre linguagem e sociedade, (LABOV, 2008[1972]). O GoldVarb X é utilizado para definir a frequência e os pesos relativos que possibilitam uma análise apurada dos condicionamentos.

2. Sociolinguística

As línguas estabelecem uma ligação com a sociedade na qual estão inseridos os seus falantes. Segundo Mollica (2008, p. 10), como as línguas apresentam um dinamismo que lhes é próprio e por estarem em constantes mutações, e por serem essencialmente heterogêneas, é que se criou na Linguística uma subárea chamada de Sociolinguística, que tem como objeto de estudo a fala, visando examinar a variação nela existente e a sua relação com a sociedade em que está arraigada.

O termo Sociolinguística fixou-se em 1964, em um congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA,) no qual participaram estudiosos, que se constituíram em referências clássicas na tradição de estudos voltados para a questão da relação entre linguagem e sociedade, como John Fischer e William Labov (ALKMIN, 2005).

A proposta de Bright para a sociolinguística é a de que ela deve demonstrar a covariação sistemática das variações linguísticas e sociais. Ou seja, relacionar a variação linguística às diferenças existentes na estrutura social, sendo a diversidade linguística o objeto de estudo da Sociolinguística (BRIGHT, 1974 *apud* ALCKMIN, 2005, p. 28).

Sobre a variação e o desenvolvimento de uma mudança linguística, Labov [1972] 2008, p. 21) diz que não se pode entender a língua sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Segundo esse autor, alguns mecanismos que operaram para produzir mudanças no passado podem estar operando nas mudanças correntes, como se explica através doutrina do uniformitarismo (LABOV, [1972] 2008). Ressalta-se a importância dos fatores sociais para explicar de que modo ocorre a variação linguística. Ou seja, é a diversidade linguística sendo observada através de fatores sociais como ocupação, idade e sexo das pessoas, dentro de uma comunidade de fala, descrita e analisada em situações reais de uso; ao mesmo tempo, os membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos.

Sobre as dimensões subjetivas de uma mudança linguística em andamento, Labov ([1972] 2008, p. 173) explica que estudos tradicionais dos dialetos regionais dos Estados Unidos têm mostrado que o isolamento leva à diversidade linguística, enquanto a mescla de populações leva à uniformidade linguística. Contudo, quando nos voltamos para o estudo das diferenças linguísticas em áreas metropolitanas, surge uma situação nova e diferente: em lugar da diferenciação horizontal e espacial, temos um corte transversal que não pressupõe isolamento das camadas linguísticas. Pelo contrário, os grupos que vivem em contato estreito podem participar de mudanças linguísticas rápidas que levam à crescente diversidade, em lugar da uniformidade.

Alckmin (2005, p. 33) explica que toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar, e que se considerarmos uma comunidade de fala como a de Salvador, será observado que o seu repertório linguístico se constitui de variedades linguísticas distintas, porque

há diferença na origem regional, classe social, ocupações, escolaridade, etc.

As variantes, nos informa Tarallo (2002, p. 08), são formas em variação, frequentes em uma comunidade linguística. E a um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística”.

A Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação, considera a língua em seu contexto sociocultural. Os sociolinguistas partem do pressuposto de que toda variação é controlada por fatores que delineiam a heterogeneidade de forma sistemática e previsível, não sendo, portanto, as variações existentes na língua, a indicação de que há um caos linguístico, cujo processamento, análise e sistematização sejam impossíveis de serem processados.

3. As formas variantes do fenômeno

O objeto de estudo do presente artigo é a alternância entre as preposições regidas pelo verbo *ir* de movimento: *para*, *a* e *em*, como podemos ver nos exemplos retirados do *corpus*.

“Vou PRO cinema com ela.”

“(...) gostava de ir À praia.”

“Fui lá NA Le Bisquit ontem.”

São essas as três variantes diferentes com a utilização de três preposições regidas pelo verbo *ir* (de movimento), as preposições *a*, *para*, as prestigiadas; e *em* que é considerada não-padrão, portanto estigmatizada.

4. Antecedentes do tema

Assis (2011, p. 122), que também estudou esse fenômeno nas cidades de Santo Antônio de Jesus e Poções, com falantes não escolarizados ou de pouca escolaridade, analisou quatro variantes: *para*, *em*, *a* e *a-tê*; e dentre outras variáveis observadas estão também: natureza do deslocamento, faixa etária, sexo (gênero) e comunidade de fala.

Desta forma, Assis diz que a variante *para* foi a mais frequente, com quase sessenta por cento do total de ocorrências do corpus analisado; seguida da variante *em*, com cerca de quarenta por cento do total. Em se tratando da variável linguística utilizada *natureza do deslocamento*,

que mostra se a pessoa vai a algum lugar temporária ou permanentemente, Assis revelou que a preposição *em* é mais selecionada quando se trata de um deslocamento temporário, assumindo o mesmo valor da preposição *a*; enquanto a preposição *para* parece realmente ter uma relação intrínseca com o deslocamento permanente.

Na análise do condicionamento da Faixa Etária sobre o fenômeno observado, Assis conclui que a preposição *em* foi verificada com maior presença nas faixas etárias mais elevadas, caracterizada como variante mais conservadora e utilizada mais pelas mulheres, que saem pouco da comunidade, diferentemente dos homens que, por terem mais contato externo, utilizam a variante *para*. A variável *comunidade de fala* permite identificar o comportamento das variantes nos municípios analisados, sendo Santo Antônio de Jesus a que apresenta o domínio da variante *para*, considerada pelo autor como inovadora, tendo em vista a sua importância como centro comercial e cultural da região, enquanto em Poções apresenta uma tendência ao conservadorismo linguístico, com um domínio da preposição *em*, considerada variante conservadora.

Borges (2014, p. 15) em uma pesquisa feita com as preposições *a*, *em* e *para* regendo o verbo *ir* (de movimento), com 12 falantes do português brasileiro de Brasília-DF, conclui que entre aqueles que ainda estão cursando o Ensino Médio, há uma forte preferência pela preposição *para* (94%) e completo desaparecimento da preposição *a* (0%). Entre os que concluíram o Ensino Médio, continua o desaparecimento da preposição *a*, mas *para* aparece em 92% dos dados coletados. No entanto, no grupo dos que ainda estão cursando nível superior, a preposição *a* aparece em 9% dos dados e a preposição *para* cai para 88%. Já com os falantes de nível superior concluído, as preposições aparecem no *corpus* da seguinte forma: *para* = 48%; *a* = 2% e *em* = 52%.

Outra observação feita na análise do uso dessas preposições foi que há uma preferência geral para o uso da preposição *para*, tanto com o traço de [+permanência] como com o de [-permanência], independentemente do grau de escolaridade. Além disso, a hipótese de que a preposição seria escolhida de acordo com o traço semântico do locativo [+permanência]/*para* e [-permanência]/*em* não foi comprovada. A variação ocorre mais profundamente no nível individual do que no nível coletivo. O falante geralmente apresenta uma preferência por uma das preposições (*em/para*) e a utiliza de forma bastante produtiva em contextos de [+permanência] e [-permanência].

Ao fazer uma análise semântico-pragmática, Reis (2001, p. 3) investigou a fala de Florianópolis, retirada de uma entrevista do VARSUL, observando se o conteúdo semântico e as inferências pragmáticas de uma dada asserção podem ser decisivos na orientação do falante em relação ao emprego variável da regência do verbo *ir* (de movimento), nos locativos marcados pelos traços de [+permanência] ou [-permanência]. Dessa forma, considerou que o uso da preposição *para* pode ser favorecida em contextos cujo locativo apresente um traço semântico-pragmático de natureza [+permanente], já a preposição *em* aparece em natureza oposta, ou seja, [-permanente].

Jesus (2014, p. 221), pesquisando este mesmo fenômeno em cinco comunidades de fala do semiárido baiano e analisando a variável *peessoa do discurso como sujeito*, notou que independentemente de ser a primeira (eu) ou a segunda (tu, você, vocês), *em* é a preposição preferida com peso relativo de 0,65 para cada uma dessas duas pessoas gramaticais. Já a preposição *para*, apesar de ter um peso relativo maior para nós/a gente (0,66), também é favorecida com sujeitos representados por ele, ela, eles, elas (0,59).

Com relação aos tempos verbais observados, Jesus constatou que a preposição *em* é mais frequente com verbos no presente (com índice de 0,61) e *para* com verbos no pretérito imperfeito (0,69). Em se tratando da análise feita sobre a variável *(in)determinação do sujeito*, concluiu que quando o sujeito é [+ determinado] a preposição escolhida com peso relativo de 0,57 é *em*; e quando o sujeito é [- determinado], *para* aparece com 0,64 de peso relativo. Já no exame feito da variável *narratividade do discurso*, Jesus informa que a preposição *para* foi mais utilizada em contextos narrativos (0,62), enquanto *em* aparece mais naqueles não narrativos (0,55), em relação aos 582 dados analisados.

5. Aspectos Metodológicos

O *corpus* utilizado para a pesquisa apresentada neste artigo foi constituído de 16 inquéritos do Programa de Estudos sobre o Português Falado de Salvador (PEPP), registrados entre 1999 e 2000. O acervo integral do PEPP é composto por 48 inquéritos gravados com um tempo médio de 40 minutos, com informantes dos dois sexos, escolaridade Fundamental e Média, nascidos em Salvador. Eles estão distribuídos em 04 faixas etárias, separadas da seguinte forma: 1 – de 15 a 24 anos; 2 – de 25 a 35 anos; 3 – de 45 a 55 anos e 4 – de 65 anos em diante. Neste

artigo, serão controladas as variáveis sexo, escolaridade e idade.

A pesquisa empreendida objetivou entender a variação, conforme nos orienta Marta Scherre (1996, p. 43), buscou entender o fenômeno, ao “inventariar suas variantes, definindo as variáveis dependentes, levantar hipóteses [...] operacionalizar as hipóteses através de variáveis independentes [...] identificar, levantar e codificar os dados relevantes, submetê-los a tratamento estatístico adequado e interpretar os resultados obtidos à luz das hipóteses levantadas”.

Para a análise estatística aqui apresentada, é utilizado o programa estatístico de análise de regras variáveis GoldVarbX, que mostra a frequência e os pesos relativos¹ que avaliam os condicionamentos a que se busca para o entendimento da variação.

Na seção que se segue apresentam-se os resultados a que se chegou nesta fase da pesquisa.

6. Análise de Dados

Na análise geral dos dados iniciais dessa fase da pesquisa foram coletados 219 dados. Observou-se que das preposições regidas pelo verbo *ir* (de movimento) na fala soteropolitana, *para* é a mais utilizada, com frequência de 82,19% (Tabela 1).

Tabela 1: Regência do verbo *ir* (de movimento) – ANÁLISE GERAL.

Variante	Dados/Total	Porcentagem
Para	180/219	82,19%
Em	26/219	11,87%
A	13/219	5,94%

Observa-se que as variantes *em* e *a* são muito menos utilizadas nas construções com o verbo *ir* (de movimento), 11,8% e 5,94%, respectivamente. Diante do número pequeno de dados e baixo percentual da variante *a*, e para ser possível a realização de análise de regras variáveis, optou-se, nessa fase da pesquisa, por restringir as análises às preposições *para* e *em* e passou-se a usar a preposição *para* como valor de aplicação.

6.1. Análise de regras variáveis

Na análise de regras variáveis, o GoldVarbX selecionou unicamente

a variável *Escolaridade* como condicionadora da escolha da variante *para*. Os resultados apresentam-se na tabela 2 e gráfico 1.

Tabela 2: Condicionamento da variável escolaridade para a escolha da variante *para*.

Escolaridade	Dados/Total	Porcentagem	Pesos Relativos
Fundamental	101/123	82,1%	0,357
Média	79/83	95,2%	0,705

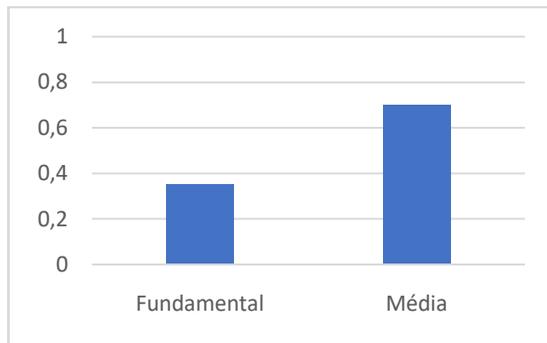


Gráfico 1: Condicionamento da variável escolaridade para a escolha da variante *para*.

A análise estatística indica, como se pode verificar na tabela 2 e no gráfico correspondente, que a percentagem e peso relativo da preposição *para* são menores na escolaridade fundamental, o que parece indicar que as pessoas que têm apenas esse nível de escolaridade tendem a utilizar menos a preposição *para* do que aqueles que possuem o nível médio.

Os resultados revelam o efeito da escolaridade na regência do verbo *ir* (de movimento). A comparação entre os pesos referentes às duas escolaridades revela que quanto mais escolaridade, o falante tende a usar menos a preposição *em* e mais a preposição *para*. Esse quadro parece ratificar que a preposição *em* sofre estigma na regência do verbo *ir*, por isso é combatida pela escola.

7. Considerações (ainda não finais)

O presente trabalho está apenas se iniciando e só foram observadas 16 entrevistas para este artigo. Serão ampliados os dados com a aná-

lise completa das entrevistas do PEPP e com a inclusão do nível superior, além de se fazer controle de variáveis linguísticas, não contempladas neste artigo.

A pesquisa revelou que apesar da preposição A ser a preposição prevista para a regência do verbo IR de movimento, a frequência dessa variante é muito baixa em Salvador, apenas em 5,94% dos dados. A variante PARA ocorre com maior percentual, em 84% dos dados e a preposição EM demonstrou ser presente em 11,87%.

Na análise de regras variáveis entre para e em, realizada através do GoldVarbX, a escolaridade foi a única variável selecionada pelo programa de regras variáveis, revelando que a variante PARA tem peso de 0,357 para a escolaridade Fundamental e 0,705 para a escolaridade Média. Os resultados parecem indicar que a variante EM é combatida pela escola, possivelmente por ser estigmatizada, algo a ser analisado na continuidade da pesquisa.

Nas próximas etapas da análise, com a observação da totalidade do acervo do PEPP e a inclusão de dados de nível superior do acervo de Salvador do Projeto Norma Urbana Culta (NURC), o número de dados será substancialmente ampliado. Além disso, novas variáveis linguísticas e sociais serão controladas, o que dará oportunidade de comparação com outras pesquisas em que o mesmo fenômeno é abordado em outras localidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 11-43

ASSIS, Telma S. Bispo. A regência variável dos verbos de movimento no português popular do interior do estado da Bahia. *Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia*. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8406>. 2011. Acesso em: 21/07/2019.

BORGES, Luíza Bernardo. *A variação do uso das preposições a/para/em com o verbo ir de movimento*. Disponível em: <http://bdm.unb.br/handle/10483/9544>. 2014. Acesso em: 19/12/2019.

JESUS, Hilmará Moura de. A variação de preposições com verbo ir de

movimento em comunidades rurais do semiárido baiano. *Varição linguística no semiárido baiano*. Almeida, Norma Lúcia Fernandes de; Carneiro, Zenaide de Oliveira Novais (Orgs). Feira de Santana: UEFS Editora, 2014. p. 211-35

LABOV, William. *Padrões sociolingüísticos*. Trad. de BAGNO, Marcos, SCHERRE, Marta P., CARDOSO, Caroline R. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2008[1972].

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs) 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-14

REIS, Mariléia Silva dos. Correlação entre as informações postas e presupostas e a atribuição do traço [\pm permanente] aos locativos do verbo ir de movimento. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, v. 2, n. 1, jul./dez. 2001. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/index Acesso em: 10/11/2019.

SCHERRE, Marta Maria Pereira; SILVA, Giselle Machline de Oliveira e (Orgs). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 39-50

TARALLO, Fernando. A relação entre língua e sociedade. *A pesquisa sociolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática. 2002.